

Vieira: a retórica do barroco

Prof. Fernando Castim - UNICAP

1 - INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS E ESTRUTURA DOS SERMÕES

Pe. Antônio Vieira nasceu em Lisboa, em 1608 e faleceu na Bahia, em 1697. Vindo sua família para a Bahia, aí fixou-se, estudando com os jesuítas e ordenando-se sacerdote em 1634. Regressa a Lisboa em 1641, tornando-se o grande pregador da Corte, defendendo a necessidade de uma burguesia contra o espírito reacionário do Santo Ofício. Foi aí que se revelou o grande conselheiro, embaixador e pregador de El-rei D. João IV. Voltando ao Brasil, Vieira fixou-se no Maranhão, lugar onde se tornou uma figura odiada e perseguida pelos colonizadores, tendo em vista sua defesa dos índios escravizados pela opressão portuguesa. Expulso do Maranhão, volta a Lisboa com outros jesuítas, em 1661, com 73 anos de idade. Por crer na ressurreição de D. João e acreditar no Quinto Império Português, é preso e levado aos tribunais da Santa e Geral Inquisição. Passou, pois, um ano com a palavra cassada e a liberdade vigiada, vivendo, desse modo, sob custódia. Retoma a carreira de diplomata e orador. Esteve no Vaticano, voltando depois para Lisboa e, em definitivo, para a Bahia. Veio a falecer aos 18 de julho de 1697.

“Pregador, ou S. Paulo ou Vieira”, costumava dizer D. Luís de Sousa. Sem dúvida, Antônio Vieira é o maior nome da oratória sacra em Língua Portuguesa. É um caso típico de

dupla nacionalidade na literatura: autores há que o vêem como escritor brasileiro, outros que o mantêm na literatura portuguesa. O que não se discute é seu poder de interpretação personalíssima dos textos sagrados, sua visão social dos povos português e brasileiro e o seu sentir das dificuldades em que vivia a Igreja a partir do Renascimento. Vieira, diz Sergius Gonzaga, é um caso curioso de mistura de medievalismo, messianismo e idéias avançadas.

“Eloqüente e apaixonado, elaborava os sermões dentro de uma técnica medieval, deslindando as metáforas da linguagem bíblica e ‘as aparências enganosas’ do universo através de interpretações pessoalíssimas. Tudo, palavras e coisas, têm um sentido oculto. E o objetivo do padre é fornecer uma análise coerente da cifrada linguagem divina.”¹

Há pouco, afirmamos sua visão religiosa e sua opinião política. Enquanto seu saber religioso desbrava as alegorias e metáforas bíblicas, Vieira político se ajusta a uma visão messiânica com o estabelecimento do mito do V império português, a ser assentado no Brasil, com a chegada de Cristo e a conseqüente derrota de todas as heresias. Por outro lado, convém não esquecer a defesa entusiástica dos cristãos-novos, “compreendendo o papel que a burguesia judaica poderia assumir no soerguimento econômico de Portugal.”²

A estrutura dos sermões é a seguinte: tema, texto bíblico como suporte, introdução, exposição do plano, uma invocação a Nossa Senhora, argumentação reforçada em exemplário bíblico ou nos escritos dos grandes santos e teólogos da Igreja, conclusão. Todos eles escritos definitivamente à época de sua velhice, quando tudo testemunha um amadurecimento mental, um domínio perfeito da língua portuguesa, uma imagética invejável. Seu estilo é claro dentro das possibilidades da época barroca em que viveu. É lógico argumentar-se contra ao mostrar-se um Vieira de imagens antitéticas, hiperbólicas; o Vieira de raciocínios sutis e delicados; um Vieira

conceptista; um Vieira para quem os torneios perifrásticos e os hipébatos são orgânicos, fazem parte do seu argumentar dialético, da sua natureza só satisfeita quando propunha questões difíceis, para solucionar, logo após, com engenho e arte. Em Vieira, também dominava o clássico, o pensador de perfeito domínio da língua portuguesa. Enfim, não se pode conceber um Vieira escrevendo num estilo seco e árido de Graciliano Ramos. A propósito, ninguém melhor do que ele para afirmar a clareza no pregar que ele defendia contra um clero de falar pomposo e afetado:

*“Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo: muito distinto, muito claro.”*³³

Alguns dos sermões ultrapassaram os limites dos seus livros. Apareciam nas seletas, aparecem nos manuais e nos livros didáticos, nas antologias e nos florilégios. O Sermão do Mandato é a grande apologia ao amor de Cristo, sempre a serviço do homem, sempre conhecedor de tudo, sempre íntimo de nossas fraquezas, sempre o Divino Amante. O Sermão de Santo Antônio aos Peixes mostra os vícios dos colonos portugueses simbolizados ironicamente pelos peixes. O Sermão da Sexagésima estabelece comparações entre o pregar verdadeiro e o pregar ilusório dos cultistas, obviamente os seus rivais dominicanos. O Sermão I de São Roque, sobre a caridade. Os sermões do Advento, etc.

2 - O BARROCO

Vieira nasceu e viveu num período de convulsão ideológica e angústia existencial. Viveu o drama do artista barroco, tentando o equilíbrio entre uma arte material e uma visão espiritual do mundo.

Há que se entender o Renascimento para se chegar ao Barroco. “Renascer” vai significar reviver a arte clássica, retomar a vida na sua materialidade, recompor os anseios humanísticos castrados pelo domínio religioso medieval, reestruturar o “homo sapiens”, desenterrar a produção greco-latina e imitá-la, enfim, humanizar o homem. Segundo a

História, pequenas repúblicas italianas, com o crescimento e a riqueza do comércio mediterrâneo, passaram a proteger os artistas, graças aos ideais de ilustração e a vontade de aparecer pelo luxo e pelo intelecto. Paralelamente, a Igreja rivalizava com essa burguesia tanto no mecenatismo, quanto na orgia dos bens terrenos. Afirma-se, então, a importância das riquezas, o poder do raciocínio, a experiência no concreto, a superioridade da inteligência sobre o mito e a magia. O homem tem a impressão de que domina a natureza, revela-se orgulhoso como os nossos primeiros pais: “Comamos da árvore do bem e do mal e seremos como Deus”. Foi assim que a Europa se viu cortejada e divulgada como centro do mundo. Através de uma linguagem simbólica, a arte renascentista desenterra a história:

*“O aspecto profano do Humanismo, a aparente estabilidade das estruturas sociais e a anexação ao mundo europeu de novas terras e povos seriam ‘traduzidas’ para a linguagem artística de uma maneira exemplar.”*³⁴

Estamos na época em que Camões constrói sua epopéia tendo como modelos Homero e Virgílio, celebrando os feitos do povo português não só no além-mar, como dentro do próprio Portugal, ou seja, “Todos aqueles que se vão da lei da morte libertando”. Vive-se uma época de clareza, objetivismo, equilíbrio, simetria, senso de observação, diagnóstico contemplativo da realidade, unidade espacial, justeza de proporções, lógica e coerência interna. Nada de informidades e deformidades. Ao contrário, valoriza-se a linearidade e a simetria, supervalorizando-se o humano através de uma perspectiva antropocentrista em contraste com o teocentrismo medieval: exemplo disso é o Moisés de Miguel Ângelo, “gigantesco, musculoso, perfeito nos mínimos detalhes, inclusive trazendo em si algo de divino.” E esta crença no seu potencial, este olhar para dentro de si mesmo impelem o novo homem para “*mares nunca dantes navegados / em perigos e guerras esforçados / mais do que prometia a força humana.*” “Poderíamos ver na Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, uma síntese da época. Seu quase imperceptível sorriso, seu olhar plácido revelam ausência de

ensões e angústias. O homem renascentista está satisfeito consigo próprio. Ele acredita na solidez do mundo.”⁵

Em 1527, com o saque de Roma e a decadência das cidades-estado italianas, onde floresceu o Renascimento, e tendo em vista a Reforma de Lutero, iniciando o protestantismo no mundo, agravado tudo isso pelas decisões do Concílio Tridentino, afastando ainda mais o católico dos seguidores de Lutero, rompe-se o equilíbrio da nobreza, envolve-se o homem ocidental numa crise de angústia e de caos. A realidade perde sua simplicidade, desarticula-se, contradiz-se, envolve-se numa rede de contradições, e o “homo sapiens e ludicus” do Renascimento dá lugar a um espírito atormentado pela ânsia de espiritualismo dos novos tempos e pela tranqüilidade humanista do Renascimento. A arte desse homem, desse homem seiscentista, é descrita pelo Maneirismo. Seu espírito de tensão oscila entre o bem e o mal; tem consciência de sua materialidade e do seu poder sobre as coisas, mas, ao mesmo tempo, sente-se frágil, pequeno, acanhado e fugaz. É o homem que perde sua certeza de ser homem, de estar num universo. Invade-lhe uma crise de identidade profunda pela falta de noção e certeza do mundo que o rodeia. Habitando a cidade dos homens, aspira à cidade Deus agostiniana. É o grande dilema de Shakespeare, no seu famoso Hamlet, que traduz essa verdade do homem pós-concílio: “To be or not to be: that’s the question.” Entre A Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, em 1503 e O Juízo Final, de Miguel Angelo, de 1541, há toda uma mudança de processo cultural. Este último já não nos infunde a tranqüilidade e a paz do primeiro, já não se vêem ideais de graça e perfeição, mas imagens da desordem e da aflição, da angústia e do desespero. É Arnold Hauser que, na sua “História Social da Literatura e da Arte”, nos mostra ser o quadro de Miguel Angelo um protesto de violento êxito contra a forma bela, acabada e sem mácula do Renascimento. Sua falta de forma tem dentro de si algo de agressivo e autodestruidor.”

Por outro lado, o Barroco se apresenta como o mediador da questão entre espírito reformista

e contra-reformista. Tenta solucionar os problemas do homem maneirista, fazendo-o voltar à religiosidade medieval, anulando-lhe sua cosmovisão humanística. É a perspectiva religiosa de Inácio de Loyola e do Concílio de Trento que vai introduzir, nesse estilo histórico, um panorama exclusivamente místico. É dessa visão religiosa que vão nutrir-se as terras recém-descobertas, incluindo-se o Brasil e Pe. Antônio Vieira.

A bem da verdade, diga-se que o Barroco não satisfaz os anseios do homem nem resolveu os seus problemas religiosos. O dilema entre o homem santo e pecador, entre a carne e o espírito, entre Deus e o demônio, entre os prazeres do sexo e a conquista da eternidade vão acentuar os descaminhos, o desespero, a depressão e a angústia existencial, a passagem rápida do tempo e a certeza da morte. Tinha razão o nosso bardo Gregório de Matos Guerra: “Ó não aguardes que a madura idade, / Te converta essa flor, essa beleza, / Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.”

Além disso, a forma barroca revela essa quebra da harmonia interior, essa convulsão que dilacera o maneirista: antíteses, paradoxos, hipérbatos, hipérbolos, comparações ousadas, metáforas violentas. Tudo isso provocando no leitor sensações de contradição, de absurdo e, muitas vezes, de mau gosto.

3 - UMA NOÇÃO DE RETÓRICA

A palavra “retórica” vem da língua grega “*rhetorikê*”. Designava, entre os gregos, a ciência da arte de usar a linguagem com vistas a persuadir ou influenciar: a *ars bene dicendi*, dos antigos. Stricto sensu, remete-nos “ao emprego ornamental ou eloqüente da linguagem, entendida essa como a soma de princípios que ensinam a tirar o melhor partido das palavras, a fim de agradar e, indiretamente, convencer”.⁶

No começo deste século, a palavra “retórica” sofreu um processo de transposição semântica de um sentido nobre para um sentido pejorativo, servindo para designar “a



arte de falar bem, mas sem conteúdo". Só a partir dos modernos estudos lingüísticos, a Retórica vem retomando o seu lugar numa perspectiva de estudar "as leis, normas e desvios que regem a expressão do pensamento estético através da palavra escrita." Para isso têm contribuído bastante as pesquisas do Centro de Estudos Poéticos, da Universidade de Liège, na França, com nomes como o de Jean Dubois, Klinkenberg e H. Triron, cujo trabalho mais importante está no livro "Retórica Geral".

4 - DO CONCEPTISMO EM VIEIRA

Já estudamos atrás que a palavra "simplicidade" foi abolida do vocabulário barroco. O bom senso, a lógica, a simetria e a simplicidade foram substituídos pelo contraste, pela desigualdade, pelo prolixo, pelo estilo assimétrico. De onde se segue distinguir essa desordem e gigantismo em dois tipos de hipertrofia: a hipertrofia da forma - Cultismo ou Culteranismo ou Gongorismo - e a hipertrofia do conteúdo - Conceptismo ou Conceitismo ou Marinismo. Pelo Cultismo, joga-se com as palavras, com as inversões, com os trocadilhos. Valoriza-se o estilo sinuoso, labiríntico, fútil. Já o Conceptismo prioriza as idéias e os conceitos, destacando os malabarismos mentais e as fantasias da razão.

Na verdade, o Barroco concentra simultaneamente essas duas características, que são duas faces da mesma moeda, dois ângulos da mesma realidade. Apenas, vale salientar que alguns autores têm maior tendência para o Cultismo e outros têm maior tendência para o Conceptismo.

E Vieira foi um Conceptista. Sem dúvida. Quem se dá ao trabalho e ao prazer de ler os seus "Sermões" encontrará, como já salientamos, a eloquência da idéia, ou como afirma O Prof. Antônio Sérgio: "*Vieira conceptista pelo processo mental engenhoso, mas clássico pela expressão simples e clara. Compraz-se em raciocínios preciosos, aproximações inesperadas, conclusões sutis. Seu pensamento é tipicamente dialético:*

diverte-se levantando questões difíceis, e cada vez mais difíceis, para resolvê-las engenhosamente. Ele mesmo o reconhece: 'bem sabem os ouvintes que é artifício nosso afeiar a dificuldade para fazer mais formosa a solução.' Dessa técnica resulta uma tensão interior constante. Vai-se de surpresa em surpresa, suspenso, curioso pelos próximos achados."

Vejamos um belíssimo trecho do I Sermão do Mandato, pregado em 1650:

"A segunda ignorância que tira o merecimento ao amor, é não conhecer quem ama, a quem ama. Quantas coisas há no mundo muito amadas que, se as conheceria quem as ama, haviam de ser muito aborrecidas! Graças logo ao engano, e não ao amor. Serviu Jacó os primeiros sete anos a Labão, e ao cabo deles, em vez de lhe darem a Raquel, deram-lhe a Lia. Ah enganado pastor e mais enganado amante! Se perguntarmos à imaginação de Jacó por quem servia, responderá que por Raquel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que é, e o que há de ser, dirá com toda a certeza que serve por Lia. E assim foi. Servis por quem servis, não servis por quem cuidais. Cuidais que os vossos trabalhos e os vossos desvelos são por Raquel, a amada, e trabalhais e desvelais-vos por Lia, a aborrecida. Se Jacó soubera que servira por Lia, não servira por sete anos nem por sete dias. Serviu logo ao engano e não ao amor, porque serviu para quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta história no teatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão na mesma! A mesma que na imaginação é Raquel, na realidade é Lia; e não é Labão o que engana Jacó, senão Jacó o que se engana a si mesmo. Não assim o divino amante, Cristo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Raquel, mas amava a Lia conhecida por Lia. Nem a ignorância lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objeto ao trabalho. Amou e padeceu por todos, e por cada um, não como era bem que eles fossem, senão assim como eram. Pelo inimigo, sabendo que era inimigo; pelo ingrato; sabendo que era ingrato; e pelo traidor 'sabendo que era traidor': Sciebat enim

quisnam esset, qui traderet eum. Deste discurso se segue uma conclusão tão certa como ignorada; e é que os homens não amam aquilo que cuidam que amam. Por quê? Ou porque o que amam não é o que cuidam; ou porque amam o que verdadeiramente não há. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama e não defeitos. Cuidais que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade; cuidais que amais perfeições angélicas, e amais imperfeições humanas. Logo, os homens não amam o que cuidam que amam. Donde também se segue que amam o que verdadeiramente não há; porque amam as coisas, não como são, senão como as imaginam; e o que se imagina, e não é, não o há no mundo. Não assim o amor de Cristo, sábio sem engano: Cum dilexisset suos, qui erant in Mundo.

.....
Por isso o vosso amor não tem merecimentos, nem é senão engano. Só o de Cristo foi verdadeiro amor e verdadeira fineza, porque amou os seus como eram, e com inteira ciência do que eram - ao inimigo, sabendo o seu ódio; ao ingrato, sabendo a sua ingratidão, e ao traidor, sabendo a sua deslealdade: Sciebat enim quisnam esset, que traderet eum.” (Sermão do Mandato - 1650)

Um outro trecho belamente conceptista está no Sermão da Sexagésima, tão conhecido que tudo que Vieira escreveu, para muita gente, parece ser só o Sermão da Sexagésima, pregado no seu regresso das missões longínquas do Maranhão, na Capela real, em 1655. Aí “fica traçada a teoria da unidade oratória que deve resplandecer na pregação apostólica.”

“Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro de si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários

olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento.” (Sermão da Sexagésima)

5 - A CARNAVALIZAÇÃO⁸ DO TEXTO BARROCO: OS TROPOS E OUTROS BICHOS.

A palavra grega “tropos” significa “volta, desvio, mudança, translação”. É, pois, a mudança de sentido da palavra, que se desvia do seu sentido comum, dicionarizado, em curso, para um sentido diverso do que lhe é próprio. A moderna Linguística, a Estilística tratam deles na conotação do signo, ou seja, na construção de um signo sobre outro, na superposição de uma denotação sobre outra, gerando o sentido analógico, por similaridade ou por contigüidade. Aí estão a metáfora, a metonímia, a alegoria, a ironia, a litotes.

Os tropos ainda integram um complexo capítulo da Retórica em que ainda se estudam as figuras de sintaxe ou de construção - como o hipérbato, a anástrofe, o zeugma, a anáfora, a epístrofe, a silepse, o pleonasma, o anacoluto, etc. Todas resultantes também de um desvio na organização dos sintagmas ou das frases. E, por fim, as figuras de idéias ou do pensamento - como a antítese, a ironia, a hipérbole -, que também se apóiam num desvio, desta vez um desvio da intenção do falante.

6 - Aplicações

Nosso trabalho se propõe mostrar a riqueza retórica do discurso vieirense. Claro que não há intenção de provar o óbvio. Do óbvio queremos colher ensinamentos, formas de dizer e construções que só um pregador da estirpe de Vieira constrói. Parece-nos que nele, em Vieira, a alegoria realça, a metáfora avulta, a antítese sobreleva, o paradoxo distingue-se, a anáfora projeta-se, a ironia brilha e fere, o epânodo ressalta e sensibiliza. Interessa-nos, então, penetrar na riqueza, na abundância do maior orador sacro que a língua portuguesa conheceu. Bem hajam, portanto, os que homenageiam os seus sermões! Bem hajam



os que, de uma forma ou de outra, estudam os cantores da pátria, os poetas da língua, os menestréis do evangelho de Cristo.

Tomemos alguns excertos e sobretudo admiremo-los:

I - Destaque para a ALEGORIA: “uma seqüência de metáforas, ou seja, a exposição do pensamento sob forma tropológica, pela qual se representa um objeto para representar outro. Conhecida também como ‘parábola’, geralmente encerra uma moral ou norma de conduta.”

No trecho que segue, o autor da alegoria é o próprio Cristo, cuja metalinguagem Ele mesmo a faz para os seus discípulos. Acrescente-se no entanto que Vieira amplia o corpo da alegoria, metaforiza-a mais, como que engorda-a, pintando-a com as cores do Barroco. A seguinte passagem do Sermão da Sexagésima confirma:

“O trigo, que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias; e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do Mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque a desentendem ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons ou os homens de bom coração; e neste prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um: Et fructum fecit centuplum.” (Sermão da sexagésima)

II - Destaque para a ANTIMETÁBOLE: “a inversão numa frase de palavras de outra em contraste. Comumente aparece com outras figuras, como o trocadilho, o paradoxo.” É comum em ditos sentenciosos como: “Não se deve viver para comer, mas comer para viver”,

“É preciso substituir o direito da força pela força do direito”, “Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro”, “Eu não sou um autor defunto, mas um defunto autor” - essa última de Machado de Assis, em suas Memórias Póstumas de Brás Cubas. Tomemos alguns exemplos em Vieira:

“Milagres feitos devagar são obras da natureza; obras da natureza feitas depressa são milagres.”

“Entre os semeadores do evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair.”

“Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo.”

III - Destaque para o EPÂNODO: “é a desagregação e repetição em separado de qualquer expressão ou idéia anteriormente expressa, desenvolvendo-lhe o sentido.” O texto conceptista, por ser de bases lógicas, requer desenvolvimento e explicações, embora, em certas ocasiões, mais embaracem que elucidem. Vejamos Vieira:

“Admirável foi Davi: na harpa e na funda; com a harpa afugentava demônios, com a funda derrubava gigantes.”

“A prudência é filha do tempo e da razão; da razão pelo discurso, do tempo pela experiência.”

“Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este semeador! Dá-me grandes esperanças a sementeira, porque, ainda que perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos. Dá-me grande exemplo o semeador, porque, depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela muito fruto.”

IV - Destaque para a GRADAÇÃO, CLÍMAX: “acumulação progressiva de uma idéia, pensamento ou tema.” “Modernamente, o vocábulo (clímax) se emprega para assinalar o momento de maior intensidade na seqüência

das idéias ou dos acontecimentos...”⁹ A figura assinala momentos críticos de tensão e destaca o predomínio da função emotiva, sobretudo no drama e na oratória. Destaquem-se os exemplos

“De maneira que, num momento, passa a virtude do peixinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescador.”

“Toma Inácio o livro nas mãos, lê-o a princípio com dissabor, pouco depois sem fastio; ultimamente com gosto, dali por diante com fome, com ânsia, com cuidado, com desengano, com devoção, com lágrimas.”

A seguinte passagem é rica porque acumula metáfora, gradação, assíndeto e epânodo:

“A nuvem tem relâmpago, tem trovão e tem raio: relâmpago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração; com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há de ser a voz do pregador - um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o Mundo.”

V - Destaque para a ANTÍTESE e o OXÍMORO: pela antítese, aproximam-se duas idéias opostas, antagônicas. Pelo oxímoro, fundem-se pensamentos antagônicos e paradoxais. Costuma-se afirmar que esta última é uma antítese intensificada. Antítese e oxímoro estão entre as figuras sobre as quais se ergue o discurso e a poesia barroca. Refletem o homem agônico pós-renascentista. Vieira, em poucas palavras, mostra-nos bem o oxímoro, quando fala do pecado da omissão: *“É o pecado que mais facilmente se comete; é o pecado que se faz não fazendo”*. Camões lírico, maneirista que era, deixou-nos o conhecido *“Amor é fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer.”* Na passagem seguinte, Vieira abusa das antíteses. Mostra o regime de opressão entre colonos e escravos; senhores e servos; poderosos e dominados. Observem-se, ainda, as interrogações sucessivas, a

apóstrofe e as anáforas, contidas no Sermão Vigésimo Sétimo:

“Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banquetando, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e tomando-os como deuses; os senhores em pé apontando para o açoite, como estátuas da soberba e da tirania, os escravos prostados com as mãos atadas atrás como imagens vilíssimas da servidão e espetáculos da extrema miséria. Oh Deus! Quantas graças devemos à fé que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento, para que à vista destas desigualdades, reconheçamos contudo a vossa justiça e providência! Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Cristo? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céu? Não os aquece o mesmo Sol? Que estrela é logo aquela que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel?”

A seguinte passagem, extraída do Sermão do Bom Ladrão, bem que poderia ser aplicada ao Brasil de hoje. Veja-se o polissindetismo (repetição do conectivo) e a linguagem antitética e paradoxal. Sem dúvida, este período em que viveu Vieira é propício aos sermões políticos: Portugal nas mãos da Espanha; a Contra-reforma fica famosa pela perseguição aos protestantes e pronta para reprimir indisciplinas religiosas; os holandeses chegam às Índias e ao Brasil; Portugal e Holanda despertam para o lucro que sai do açúcar brasileiro; a Companhia de Jesus, com seu trabalho educacional e doutrinário, ensina a submissão à metrópole. Nessa época, colonizador e invasor intentam tirar dos índios as suas riquezas e transformam os negros em mão-de-obra escrava e em animais domesticados. Tomemos o texto do Sermão do Bom Ladrão: *“Não são só os ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente (ironia) merecem*



este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais, já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados; estes furtam e enforcam.”

VI - Destaque para a IRONIA: figura pela qual se diz o contrário do que se pensa ou do que se quer dizer. A ironia é a antítese do pensamento.

No “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda”, pregado na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na Bahia, em 1640, quando os holandeses apertaram o cerco contra a cidade de Salvador, o grande pregador reclama, de maneira enérgica, a proteção de Deus para a cidade, a qual, por causa de sua designação, tinha o direito de esperar o amparo divino contra os hereges. Este sermão é conhecido como modelo de ironia e de apóstrofe contra a divindade. Foi pregado com o Santíssimo exposto. Vejamos duas passagens de um dos mais famosos e conhecidos sermões: “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda.”

“Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais espanhóis e portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apóstolos conquistadores, que levem pelo Mundo os estandartes da cruz; Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiam na terra dos bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue; Holanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a autoridade da Igreja Romana; Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício do vosso Santíssimo Corpo; Holanda, enfim, vos servirá e venerará tão religiosamente, como em Amsterdão, Maldeburgo e Flisinga e em todas as outras colônias daquele frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias.”

No trecho a seguir, ainda do Sermão pelo Bom Sucesso...”, a ironia sutil e o raciocínio barroco tentam despertar a piedade de Cristo por meio de sua Mãe Santíssima:

“Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras; arrebatarão essa custódia, em que agora estais adorado dos anjos; tomarão os cálices e vasos sagrados, e aplicá-los-ão a suas nefandas embriaguezes; derrubarão dos altares os vultos e estátuas dos santos, deformá-las-ão a cutiladas, e metê-las-ão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrílegas, nem às imagens tremendas de Cristo crucificado, nem às da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consentir semelhantes agravos e afrontas nas vossas imagens, pois já as permitistes em vosso sacratíssimo corpo; mas na da Virgem Maria, nas de vossa Santíssima Mãe, não sei como isto pode estar com a piedade e amor de filho.”

VII - Destaque para a ANÁFORA: figura pela qual se repete um termo ou uma expressão no começo de cada oração. As estruturas anafóricas são intensificadoras de uma idéia, enfatizam determinado pensamento. Comprovamos com textos do Sermão da Sexagésima e da Segunda Domingo do Advento:

“As flores, umas caem, outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as discretas, só essas são as que duram, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o Mundo.”

“Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a José atrever-se à honra de seu senhor? Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Daniel querer maquinar contra o império dos Assírios? Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Cristo (que também nisto quis dar-nos exemplo) querer-se fazer rei temporal, de que tantas vezes fugira?

Além da anáfora, destaque-se o intertexto: apropriação e inclusão de textos de terceiros

na obra, como no "Sermão pelo Bom Sucesso...":

"Que a larga mão com que nos destes tantos domínios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira, para aqui fora e longe de nossa Pátria nos matardes, nos destruídes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fruto de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão ilustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas conhecidos?"

VIII - Destaque-se, no seguinte excerto, uma visão antropomórfica de Deus, ou seja, Vieira atribui a Deus características humanas: o Criador passa a ser tratado como ser criado. O autor fala do arrependimento de Deus do castigo à Terra pelo dilúvio. Isso serve como justificativa para que Deus se arrependa de castigar a Bahia com a invasão dos hereges holandeses:

"Vistes vós também (como se o vísseis de novo) aquele lastimosíssimo espetáculo, e posto que não chorastes, porque ainda não tínheis olhos capazes de lágrimas, enterneceram-se, porém, as entranhas de Vossa Divindade, com tão 'intrínseca dor': 'Tactus dolore cordis intrínsecus' que, do modo que em Vós cabe arrependimento, Vos arrependestes do que tínheis feito ao Mundo; e foi tão inteira a vossa contrição, que não só tivestes pesar do passado, senão propósito firme de nunca mais o fazer: Nequaquam ultra maledicam terrae propter homines."

IX - A METÁFORA, que estimula o nosso raciocínio e nos projeta, pela similaridade, a um mundo diferente daquele em que usualmente estamos inseridos, é usada pelo nosso sacerdote-orador mais comumente imersa na alegoria. Atente-se para o seguinte passo:

"Quem semeia misturas mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso

nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento; que se há de colher senão vento?"

7 - CONCLUSÃO

Não foi intenção nossa estudar perpendicularmente a retórica em Vieira. Fizemos um trabalho de amostragem da riqueza que é o texto deste autor para o conhecimento da época dos seiscentos, para abrir as nossas mentes para as influências literárias que sua obra congela, para penetrar no pensamento religioso, moral e filosófico de quem escreveu numa época de gênios como René Descartes, Leibnitz, Isaac Newton, Torricelli, Calderón de la Barca, Blaise Pascal e La Rochefoucauld.

As primeiras luzes do Iluminismo e o pensamento racionalista também produziram o gênio da oratória sagrada em língua portuguesa. Tão gênio e - cremos - por Deus tão amado pelo que disse nos púlpitos, que hoje, na morada eterna, deve ser o único a fazer a homilia dominical para os anjos.

Ler o texto vieiriano é um dos maiores prazeres do espírito: com seu conhecimento das Escrituras Sagradas, da Patrística, dos clássicos gregos e latinos, da Escolástica medieval, da arte renascentista e do pensamento racionalista, Vieira se compraz mediante "um engenhoso processo de acomodação analógica" entre os vários textos compulsados. Sua visão lúdico-estratégica do Antigo e do Novo Testamento, diz Eugênio Gomes¹⁰, cria uma simbologia que ele distendeu até às últimas conseqüências com as prestigiações de um verdadeiro mágico do pensamento.

Antônio Vieira, pelas injustiças que sofreu, pelas perseguições da Santa e Geral Inquisição, pelas disputas com os dominicanos, pela ameaça dos colonos, pela sua luta a favor de índios e judeus poderem viver livremente, por tudo isso assume o seu lugar ao lado dos dois grandes vates portugueses - Camões e Fernando Pessoa -, também como eles herói de sua pátria

e cantor de sua gente; e mais do que eles; pregador do seu Deus e discípulo fiel da Santa Madre Igreja.

NOTAS

¹ Gonzaga, Sergius. Manual de Literatura Brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 20.

² Idem, ibidem

³ Vieira, Antônio. Sermões; Sermão da Sexagésima. Porto: Lello e Irmão, 1959. Volumes I, II, III.

⁴ Gonzaga, Sergius. Op. cit., p.12

⁵ Idem, ibidem

⁶ Moisés, Massaud. Dicionário de Termos Literários. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 430

⁷ Antônio Sérgio. Apud Celso Pedro Luft. Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira. Porto Alegre: Globo, 1979. p. 397

⁸ Não se entenda aqui o termo "carnavalização" no sentido que lhe dá Dirce Côrtes Riedel, em "Metáfora, o espelho de Machado de Assis". Rio: Livraria Francisco Alves Editora S.A. 1974. Entenda-se antes como uma extravagância, um texto adornado, enfeitado.

⁹ Moisés, Massaud. Op. cit., p. 87

¹⁰ Gomes, Eugênio. Vieira - Sermões. 7. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1975. p. 7